

OS(AS) LUTOS(AS) EM “M8 – QUANDO A MORTE SOCORRE A VIDA”: ARTICULAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE E RAÇA POR MEIO DA FICÇÃO

GRIEADING AND FIGHTING IN “M8 – WHEN DEATH RESCUES LIFE”: ARTICULATIONS BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND RACE THROUGH FICTION

Isabela Vacaro¹

Resumo

O presente artigo discute o uso do filme "M8 – Quando a morte socorre a vida" como um disparador para reflexões sobre as construções teóricas da psicanálise em relação à raça. O estudo busca analisar a obra como produto cultural que, ao retratar situações ficcionais, porém análogas ao cotidiano brasileiro, estimula discussões sobre o racismo no país. O filme utiliza os campos do afeto e da linguagem para denunciar uma realidade social que produz sofrimento sociopolítico enquanto nega sua própria produção. A análise é baseada em quatro categorias centradas em diferentes teorizações psicanalíticas e/ou sociológicas relacionadas à raça e ao racismo: o ideal do ego, o racismo à brasileira, a resistência e a necropolítica. Considera-se que a obra encena dois tipos de luto, um relacionado a mortes concretas causadas por uma política de morte e outro associado ao luto de um lugar social de opressão.

Palavras-chave: Psicanálise; Raça; Ficção.

Abstract

The article discusses the use of the film "M8 – When death rescues life" as a trigger for reflections on the theoretical constructions of psychoanalysis about race. The study seeks to analyze this work of art as a cultural product that, by portraying fictional but analogous situations to Brazilian daily life, stimulates discussions about racism in the country. The film uses the fields of affect and language to denounce a social reality that simultaneously produces sociopolitical suffering and denies its production. The analysis is based on four categories centered on different psychoanalytic and/or sociological theoretical constructions related to race and racism: the ego ideal, Brazilian-style racism, resistance, and necropolitics. The work addresses two types of mourning, one related to concrete deaths, and the other related to the social place of oppression.

Keywords: Psychoanalysis; Race; Fiction.

¹ Graduanda em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Contato: bela.vacaro@gmail.com

Editor-associado: Hermógenes Siqueira

Recebido em: 13/05/2023

Aceito em: 06/12/2023

Publicado em: 23/12/2024

Citar: Vacaro, I. (2024). Os(as) lutos(as) em “M8 – Quando a morte socorre a vida”: Articulações entre psicanálise e raça por meio da ficção. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 12(1), 5-13



Introdução

Desde Freud, sabe-se que a psicanálise não é apenas uma terapêutica do sujeito, lidando também com a relação deste com o mundo, com a tensão entre indivíduo e sociedade (Rosa et al., 2017). Nesse sentido, cabe também para a psicanálise o estudo das situações em que o sofrimento psíquico é produzido pela posição sociopolítica do sujeito (Rosa, 2022; Torossian, 2018), como é o caso do racismo.

Por se caracterizar como processo social, o racismo aparece em produtos da cultura, como propagandas, textos literários e produções cinematográficas. Dessa maneira, a análise desses produtos se apresenta como via para uma reflexão sobre a forma como o sofrimento sociopolítico está sendo exposto e debatido na contemporaneidade.

O filme “M8 – Quando a morte socorre a vida”, dirigido por Jeferson De e baseado no livro homônimo de Salomão Polakiewicz, é um desses produtos. A obra, datada do ano de 2020, retrata a trajetória do personagem principal, Maurício, nas primeiras aulas do curso de graduação em medicina em uma universidade federal. Ao longo da narrativa, o estudante passa a ser perseguido por M8, epíteto dado ao corpo utilizado como instrumento de pesquisa nas aulas de anatomia. Trata-se de uma ficção que, no entanto, coloca em questão elementos do cotidiano do negro no Brasil.

Metodologia

O presente estudo utiliza uma produção cinematográfica ficcional enquanto disparadora de reflexões sobre construções teóricas da psicanálise no que diz respeito ao marcador social raça. De acordo com Hermann (2006), para a psicanálise, “ficcional não significa falso, nem mesmo cientificamente menor, mas inserido num tipo de verdade peculiar à literatura, que é em geral mais apropriada para a compreensão do homem que a própria ciência regular” (p. 63). Nesse sentido, busca-se analisar a obra em questão enquanto um produto da cultura que, ao retratar situações ficcionais, porém análogas ao cotidiano brasileiro, coloca em movimento discussões sobre o racismo no país.

A obra “M8 – Quando a morte socorre a vida” utiliza o campo dos afetos – cores, sonoridades, enquadramentos – e o da linguagem – falas, símbolos, olhares – para denunciar uma realidade social que, simultaneamente, produz sofrimento sociopolítico e nega essa produção. Essa forma de denúncia a uma verdade velada, quando contada de outra forma que não por um texto escrito, mas através de imagens e sensações, pode ser melhor assimilada e discutida em seus detalhes.

Para a análise, o filme foi dividido em quatro categorias centradas em diferentes teorizações psicanalíticas em articulação com a raça e o racismo: o ideal do eu, o racismo à brasileira, a resistência e a necropolítica. Pretende-se, a partir do filme, refletir sobre os mecanismos psíquicos envolvidos nesse processo de produção de sofrimento que afeta a população negra e, consequentemente, sobre o papel da psicanálise frente a ele.

O Ideal do Eu e o Negro em Ascensão Social no Brasil

Sendo o ideal do eu a instância psíquica em que se projeta uma imagem idealizada de completude e perfeição sobre a qual o Superego atua, observando o Eu atual ininterruptamente e comparando-o com esse

ideal (Freud, 1914/2010), vê-se que o negro por estar imerso em uma sociedade em que o ideal a ser atingido é branco, e sendo-lhe impossível ser branco, enfrenta um sofrimento intenso dilacerante advindo da distância entre o ideal e o possível (Souza, 1983). Essa angústia é visível na experiência de Maurício conforme passa a frequentar espaços, majoritariamente, brancos.

O ideal do eu branco está posto em diversos elementos desses espaços, do início ao final do filme, de maneira tanto — com a exceção de Maurício — são brancos. Essa materialidade se expressa a todo momento de modo a mostrar a Maurício quais são os lugares predominantemente destinados a pessoas negras nesses espaços.

Segundo Souza (1983), o negro que busca a ascensão social — como Maurício — enfrenta um conjunto de representações e imagens fantasmáticas que o definem enquanto inferiorizado, despossuído de valores e humanidade. Nesse contexto, ser o melhor em alguma função não lhe garante que seja reconhecido, que atinja o ideal do eu, uma vez que já foi pré-definido. Nas palavras de Fanon (1952/2008), “não foi eu quem criou um sentido para mim, este sentido já estava lá, pré-existente, esperando-me” (p. 121). Maurício é um aluno de destaque em sua turma, tirando notas boas e executando tarefas com precisão. No entanto, sofre violência frequentemente por um colega branco, especialmente nesses momentos de êxito. A opinião desse colega sobre Maurício nunca é alterada, a despeito de suas conquistas.

Percebe-se, então, a força do apagamento do negro, a qual o condena, por meio de uma lógica discursiva hegemônica, a um lugar social específico caracterizado pela inferioridade. Para Rosa et al. (2019), esses momentos de invisibilização se alternam com situações de superexposição, demonstrando duas faces do mesmo sistema — o racismo. As autoras pontuam que o negro é simultaneamente apagado no que se refere à intelectualidade e a capacidade, assim como — tanto pelo seu colega quanto pela mãe de sua amiga Suzana, que o considera indigno de cursar medicina —, é superexposto de maneira negativa ao frequentar espaços de elite.

Um exemplo é a cena em que, ao sair da festa de um amigo da faculdade, sofre violência policial simplesmente por estar em um bairro nobre à noite. Nesse episódio, um dos policiais, um homem negro, aponta para a própria pele enquanto diz a Maurício: “Tá dando mole rapaz? A essa hora da noite em bairro de playboy?”. Nessa fala, nota-se o quanto o racismo atinge o negro em sua corporeidade. É nesse sentido que Fanon (1952/2008) afirma que, enquanto outros grupos hostilizados, como os judeus, podem passar despercebidos em um primeiro momento, aos negros não é oferecida nenhuma chance: “Sou sobredeterminado pelo exterior. Não sou escravo da ideia que os outros fazem de mim, mas da minha aparição” (p. 108).

O Racismo à Brasileira

Em alguns fragmentos do filme, observam-se pessoas negras reproduzindo comportamentos racistas diante de Maurício. Um exemplo é a cena em que Suzana o leva ao condomínio em que ela mora e o porteiro, um homem negro, sente-se receoso em deixá-lo entrar na residência, perguntando mais de uma vez a Suzana se está tudo bem, enquanto olha para Maurício. Esse comportamento tem relação com a influência das representações culturais sobre a subjetividade, pontuada por Fanon (1952/2008). Para o autor, o racismo se

mostra na linguagem, nas publicidades, nos filmes, nas canções de ninar, de forma que o contato com essas narrativas faz com que “o jovem negro adote subjetivamente uma atitude de branco” (Fanon, 1952/2008, p. 132).

Lélia Gonzalez (1984) enfoca sua pesquisa não na demonstração dessa identificação do dominado com o dominador, mas na compreensão do porquê dessa identificação, voltando suas análises para o mito da democracia racial. Segundo a autora, a ideia de que não existe racismo no Brasil, uma vez que somos um país miscigenado e “sem raça”, faz parte de um mecanismo de negação em que se procura mascarar o racismo. Nas palavras de Gonzalez (1984), “o neurótico constrói modos de ocultamento do sintoma porque isso lhe traz certos benefícios. Essa construção o liberta da angústia de se defrontar com o recalcamento” (p. 232). Sendo assim, a autora postula que o racismo é um sintoma da neurose cultural brasileira que, no nosso país, se manifesta de forma disfarçada. Por ser sutil, é mais difícil denunciá-lo, combatê-lo.

Observa-se isso no filme em diversos momentos, como na cena em que Maurício conversa com Carlota, mulher branca e mãe de sua amiga de faculdade. A personagem mostra-se visivelmente desconfortável em recebê-lo em sua casa. Ao conversar com ele, reforça o histórico de sua família na medicina e o esforço e mérito de sua filha em ter passado no curso, insinuando — de modo implícito — que Maurício não merecia o mesmo prestígio, remetendo às cotas raciais. No entanto, ela não traz abertamente seus argumentos, de modo que Maurício é obrigado a se manter educado, apesar de ter sido desrespeitado. Nesse sentido, torna-se ainda mais evidente a ideia de Gonzalez de que esse tipo particular de racismo — o disfarçado — teria maior eficácia enquanto instrumento de alienação do que o racismo aberto (Oliveira, 2020).

Por uma Nova Existência

Nos tópicos anteriores, focou-se nas análises da subalternização do negro na violência a que ele é submetido. No entanto, a representação da negritude somente a partir dos afetos da tristeza, da impotência e do ressentimento condiciona o negro a um estado de danação existencial, no qual ele nunca poderá atingir a completude em relação a sua existência (Coelho, 2016). Nesse sentido, é importante ressaltar que Maurício não é passivo diante das opressões que sofre.

Logo no início do filme, seus colegas lhe dão uma carona e pedem para ele colocar uma música para tocar durante a viagem. Ele escolhe a composição “Crime Bárbaro”, do rapper Rincon Sapiência (2017), em que trechos como “Na pele eu levo a marca da tortura” e “Escravos apoiam meu desempenho, fui eu que matei o senhor do engenho” não somente denunciam o passado escravocrata brasileiro e seus resquícios — elementos que o mito da democracia racial tenta apagar — como também destacam a resistência e luta das pessoas negras frente à escravidão. Dessa forma, pode-se constatar que Maurício, ao consumir esse tipo de arte, vai à contramão do que a sociedade impõe como ideal do eu, de modo que se concretiza um desejo de Fanon em “Pele negra, máscaras brancas” (1952/2008): “criar periódicos ilustrados destinados especialmente aos negros, canções para crianças negras, até mesmo livros de história” (p. 132).

A possibilidade de resistência e empoderamento também se apresenta em “Tornar-se negro”, de Neusa Santos Souza (1983). De acordo com a autora, para o negro, há duas alternativas genéricas para lidar com a impossibilidade de alcançar o ideal do eu: sucumbir às punições do superego, criando uma ferida

narcísica que gera angústia e perda da autoestima, ou tornar-se negro. Esse último caminho implica tomar consciência do sistema de opressão racista e construir uma nova identidade que rompa com os estereótipos produzidos por esse sistema. Percebe-se que Maurício opera muito mais por essa segunda via, o que fica evidente quando não se conforma com o destino dado ao corpo M8, buscando conferir um novo significado para a existência dessa vida. Mais do que um indigente, M8 torna-se um importante símbolo de luto(a).

A Representação da Morte Por um Olhar Racializado: A Necropolítica e o Luto

A obra contém muitos elementos simbólicos a serem trabalhados a respeito da morte. Destaca-se a discrepância entre a representação da morte branca e da negra. O único personagem branco que morre é um idoso de classe média alta para quem a mãe de Maurício trabalhava. Ele parte tranquilo, sentado em sua poltrona de veludo, ao som de sua música preferida. Nessa cena, foram utilizadas cores quentes, remetendo ao calor e ao conforto. Em contraste, as cenas em que M8 aparece empregaram, em sua maioria, cores frias, produzindo um cenário sombrio e passivo. Os cadáveres negros retratados são jovens, têm seus corpos expostos e manuseados livremente, e morreram vítimas de um genocídio, de uma política de morte.

A necropolítica, termo cunhado pelo filósofo Achille Mbembe, designa uma política em que o Estado elege, por meio de uma ficção, inimigos sociais que devem ser aniquilados como medida de segurança pública. Dessa forma, a população é dividida em segmentos, e os grupos considerados descartáveis sofrem extermínio de maneira sistematizada. Quando se articula esse conceito ao contexto de um país como o Brasil, que se insere na periferia do capitalismo, em que “os indivíduos começam a sobrar diante da forma social atual, pois já não são mais rentáveis” (Hilário, 2016, p. 203), percebe-se que os “mundos de morte” (Mbembe, 2017, p. 146), territórios em que impera o estado de exceção e onde é permitido dizimar populações, coincidem com as margens das cidades, em que estão localizadas as ditas massas supérfluas expulsas do circuito do capital. Levando em consideração o processo histórico de marginalização da população negra, que no pós-escravidão foi considerada desqualificada para o trabalho livre (Madeira & Gomes, 2018), percebe-se que os grupos alvos da necropolítica estão demarcados racialmente.

O filme denuncia esse poder do Estado de ditar quem pode viver e quem deve morrer segundo critérios de raça nas cenas em que mães negras protestam contra o descaso da polícia, que abandonou as investigações sobre o desaparecimento de seus filhos. Nos cartazes que seguram, lê-se frases como “Basta ao genocídio da juventude negra”. Maurício, ao longo do filme, passa a perceber a relação entre essas manifestações e os corpos que estuda na aula de anatomia. Ao ser perseguido pelo espírito de M8, começa a se perguntar se este não seria filho de alguma das mães manifestantes, iniciando uma investigação, junto a elas, sobre a história de M8. Ao final do filme, Maurício consegue retirar o corpo da faculdade. As mães manifestantes enterram M8, utilizando-o como símbolo de seus próprios filhos.

Nessa cena, percebe-se o quando elas ainda não haviam conseguido iniciar o processo de luto por suas perdas. Isso porque, segundo Freud (1917/2012), esse processo se inicia quando o teste da realidade revela que o objeto amado não existe mais, passando a exigir a retirada de todas as ligações libidinais com aquele objeto. No entanto, tendo em vista que os filhos dessas mães estavam desaparecidos, e que elas nunca tinham descoberto o destino de seus corpos, o teste da realidade mencionado anteriormente não se efetuou.

Ao tomar o lugar simbólico de todos os filhos perdidos, M8 possibilita a condição preliminar para que o luto se concretize, permitindo que o eu de cada mãe pudesse ficar outra vez livre e desinibido.

De acordo com Tavares (2020), a população negra, principalmente a de periferia, está submetida a mortes constantes, múltiplas, violentas, inesperadas, espetacularizadas, entre outros adjetivos que demonstram o quanto esse segmento social sofre uma hiperexposição a perdas de forma sistematizada e guiada pela necropolítica. Para a autora, a impossibilidade de se despedir dos filhos faz parte da experiência das mulheres negras há décadas, seja pela venda — no contexto da escravidão —, pela falta de acesso a serviços essenciais e políticas públicas ou pela violência policial. Sendo assim, as mulheres negras teriam aprendido a desenvolver uma espécie de luto evitativo, em que passam por cima da dor para não precisarem sofrer ininterruptamente. Uma das formas de evitar o luto, segundo a autora, é lutando, exigindo justiça. Em determinada cena do filme, Maurício está retornando da faculdade no carro de Suzana, sua amiga da faculdade, uma mulher branca. Ao passar pelo protesto, a estudante exclama: “Essas mulheres ainda estão aí? Haja paciência!”. Nota-se, então, o desconhecimento das pessoas brancas sobre o significado por trás dessas manifestações. Não se trata somente de paciência, uma vez que, para Tavares (2020), a busca por justiça por seus filhos é um caminho para que as mães continuem exercendo sua maternidade.

No momento em que Suzana faz essa afirmação, ela está escutando as músicas de Rincon Sapiência que Maurício colocou para tocar. A incapacidade da personagem de fazer relação entre as letras que escuta e o protesto que presencia relaciona-se com a posição de alienação da branquitude. Para Fanon (1952/2008), o mesmo processo que inferioriza o negro idealiza o branco, colocando-o num lugar de ser humano universal. Estando nesse lugar em que não reconhece sua marca racial, passa a acreditar, por um lado, que suas conquistas resultam somente de um mérito individual, e por outro, que fenômenos sistemáticos impostos à população negra — como a necropolítica — não passam de tragédias pontuais. Suzana não comprehende, nesse sentido, que as mães não protestavam somente por seus filhos em particular, mas pelo fim de um processo que gera vítimas como os seus filhos diariamente.

Percebe-se, então, a necessidade da visibilidade de regimes sociais que influenciam na produção de sofrimento psíquico, para além de fatores individuais (Fanon, 1952/2008). O lugar social destinado ao negro no Brasil é de dejeto, inferioridade e desumanização. Ao mesmo tempo, o discurso hegemônico que produz esse lugar é apresentado como a-histórico e apolítico (Rosa et al., 2019), de modo que se torna difícil apontá-lo e combatê-lo. Cria-se um discurso supostamente racional que apaga a memória de um passado escravocrata: “consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade” (Gonzalez, 1984, p. 226). Esses processos lançam o negro a um desamparo discursivo que os desaloja de sua história pessoal, sociocultural e política (Rosa et al., 2019). Desamparo esse que pode ser enfrentado por meio de relações horizontais que, através da construção de pautas comuns, permitem reivindicar outros nomes para além dos desqualificados e patologizados (Braga & Rosa, 2018).

Frequentemente, no meio psicanalítico, a importância dessas relações horizontais fica invisibilizada, sob o argumento de que os coletivos descharacterizariam os indivíduos, tornando-os indiferenciados, anônimos e alienados, perigo que Freud (1921/2013) teria demonstrado ao descrever os mecanismos envolvidos na

formação das massas. No entanto, para Braga e Rosa (2018) a potência dos laços sociais pode ser explorada sem incorrer na formação de um todo supostamente homogêneo. As autoras lembram que, para a psicanálise, o sujeito é dividido, incoerente, sendo sua história composta de movimentos de identificação e desidentificação, da fixação de alguns pontos que o ajudam a lidar com a instabilidade de seu ser. Assim, defendem que a manutenção dessa alternância entre identificação e desidentificação é o que permitiria que a singularidade do sujeito pudesse coexistir com as lutas políticas que possibilitam fazer frente ao desamparo discursivo em que é inserido.

No filme, observa-se o quanto Maurício se identifica com os cadáveres da aula de anatomia — através de sonhos e aparições espirituais — porque comprehende que ele, como jovem negro da periferia, está sujeito a desfechos como o desses corpos. No entanto, essa identificação não é constante e rígida, uma vez que também se percebe a singularidade do personagem ao longo do filme, pela forma única como se expressa em meio a seus colegas.

A potência da identificação com M8 permite com que Maurício lute para que a história desse corpo não seja apagada, conferindo outro sentido à sua existência: de indigente a símbolo que viabiliza a concretização do luto de diversas mães. É também por esse mecanismo psíquico que Maurício constrói relações horizontais entre suas vivências e as de Rincon Sapiênci, externalizadas em composições musicais. Nessas letras surgem elementos de resistência que promovem a desvinculação do lugar que é destinado ao negro — de imoralidade, indolência, não-ser. É justamente a identificação, então, que auxilia no florescer da singularidade, sendo um mecanismo desalienante, não o oposto.

Considerações Finais

Vê-se que a obra trabalhada encena dois tipos de luto. O primeiro diz respeito ao luto de mortes concretas, focando nas mães que perderam seus filhos por uma política de morte que se justifica pela suposta natureza de tendência ao crime de suas vítimas. Nesse sentido, o filme denuncia o discurso hegemônico naturalizado que, por meio da manutenção de estereótipos, faz com que a opinião pública veja a punição e o encarceramento como necessárias, narrativa contraditória, uma vez que, segundo Gonzalez (1984): “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país” (p. 231).

Já o segundo tipo refere-se ao luto de um lugar social de opressão. De acordo com Rosa et al. (2019), para que o negro possa reconstruir sua história particular e recompor um ideal do eu — imagem de um lugar em que se vê amável para o Outro — que não anule seu próprio corpo e trajetória, ele precisa de um reconhecimento público do lugar de opressão que ocupa que possibilite com que ele processe — também coletivamente — um luto desse lugar. Nota-se que Maurício está processando esse luto por meio das artes que consome, da investigação sobre os corpos considerados indigentes junto às mães — que o permite tomar consciência da necropolítica para que se possa combatê-la — e das idas ao terreiro, em que desenvolve sua espiritualidade e entra em contato com uma maneira de interpretar a vida desviante do conhecimento hegemônico, além de ser um local para se recuperar o fôlego junto aos seus — nas palavras de Cida, mãe de Maurício: “Quando eu precisava buscar força, era lá no terreiro que eu ia”. No entanto, também se percebe que

esse luto é interrompido quando sofre discriminação por colegas, violência policial, olhares e comentários sutis racistas. Essa constatação reforça o quanto, apesar das recentes mudanças sociais, o discurso hegemônico está longe de erradicar esses processos, ou mesmo de reconhecê-los, uma vez que o mito da democracia social permanece forte.

Assim, salienta-se a importância de fazer frente a esses discursos, tanto na esfera pessoal quanto profissional. Aos estudantes e profissionais dedicados à psicanálise incumbe-se o dever de assumir uma ética de combate ao apagamento das discussões sociais e ao epistemicídio guiado pela ideologia de branqueamento, a qual perpetua a crença de que os únicos saberes e valores verdadeiros e universais são os do Ocidente branco (Gonzalez, 1988). A partir desse compromisso é possível gerar condições para a verdadeira desalienação do negro e do branco, fazendo valer a intenção de Fanon (1952/2008) ao desenvolver seus escritos: “Quero sinceramente levar meu irmão negro ou branco a sacudir energicamente o lamentável uniforme tecido durante séculos de incompreensão” (p. 29).

Referências

- Braga, A. P. M., & Rosa, M. D. (2018). Articulações entre psicanálise e negritude: Desamparo discursivo, constituição subjetiva e traços identificatórios. *Revista da ABPN*, 10(24), 89-107. <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/575>
- Coelho, J. F. P. (2016). *Gritaram-me negra: Processos formativos da negritude* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo]. Repositório Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. <https://repositorio.ufes.br/handle/10/8994>
- De, J. (Diretor). (2020). *M8 – Quando a morte socorre a vida* [Filme]. Paris Filmes.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas* (R. da Silveira, Trad.). EDUFBA. (Trabalho original publicado em 1952).
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In P.C. de Souza (Trad. e Notas), *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916) (pp. 13-50). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2012). *Luto e melancolia*. Cosac & Naify. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (2013). *Psicologia das massas e análise do eu*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1921).
- Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Silva, L. A. M. (org.). *Revista Ciências Sociais Hoje* (223-244). <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2298>
- Gonzalez, L. (1988). A categoria político-cultural da amefricanidade. In Hollanda, H. B. (Org.) *Pensamento feminista – Conceitos fundamentais*. Bazar do Tempo.
- Herrmann, F. (2006). Psicanálise, ciência e ficção. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 55-79. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100004&lng=pt&tlng=pt
- Hilário, L. C. (2016). Da biopolítica à necropolítica: Variações foucaultianas na periferia do capitalismo. *Sapere Aude*, 13(13), 194-210. <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2016v7n13p194>

- Madeira, Z. & Gomes, D. D. O. (2018). Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. *Serviço Social & Sociedade*, (133), 463-479. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.154>
- Mbembe, A. (2016). Necropolítica. *Arte e Ensaios*, 2(32). <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>
- Oliveira, A. C. A. (2020). Lélia Gonzalez e o pensamento interseccional: Uma reflexão sobre o mito da democracia racial no Brasil. *Revista Interritórios*, 6(10), 89-104.
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/244895/34866>
- Rincon, S. (2017). *Crime bárbaro* [Música]. Bola Fria Produções.
- Rosa, M. D. (2022). Sofrimento sociopolítico, silenciamento e a clínica psicanalítica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42, e242179. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003242179>
- Rosa, M. D., Binkowski, G. I. & Souza, P. S. (2019). Tornar-se mulher negra: Uma face pública e coletiva do luto. *Clínica & Cultura*, 8(ja/ju 2019), 86-100.
<https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/14864/11403>
- Rosa, M. D., Estêvão, I. R., & Braga, A. P. M. (2017). Clínica psicanalítica implicada: Conexões com a cultura, a sociedade e a política. *Psicologia em Estudo*, 22(3), 359-369. <http://doi:10.4025/psicoestud.v22i3.35354>
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (2a. ed.). Edições Graal.
- Tavares, J. (2020, julho, 25). *Dialogando clínicas pretas: Falando de perda – Profº Dra. Jeane Tavares* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=cWeDCWgbh4g>
- Torossian, S. D. (2018). A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52(3), 253-256. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2018000300016&lng=pt&tlng=pt